

AGRAMATISMO SOB O PONTO DE VISTA DA TEORIA DA ADAPTAÇÃO

Lou-Ann KLEPPA¹

RESUMO: Este estudo tem por objetivo apresentar e discutir a Teoria da Adaptação, desenvolvida por Kolk e seus colegas, e aplicável aos dados fala de sujeitos com afasia de Broca. Sob o ponto de vista deste quadro teórico, o agramatismo é o resultado de uma estratégia de adaptação do sujeito à sua lesão cerebral, que se manifesta através da *fala elíptica* (ou *fala telegráfica*, ou ainda *fala reduzida*) num tempo de fala maior. Uma das características desta teoria é a assunção de que a fala elíptica do sujeito agramático é bem-formada. Cada língua determina as suas regras de elipse bem-formada, e aqui serão investigadas as diferenças entre elipses bem-formadas produzidas por agramáticos holandeses (dados publicados em Kolk & Heeschen, 1992 e Kolk, 2006) e por dois sujeitos agramáticos brasileiros em situações de conversa espontânea.

ABSTRACT: This study aims to present and discuss Adaptation Theory, developed by Kolk and colleagues. This theoretical framework examines agrammatic speech as an adaptation symptom the agrammatic subject performs to deal with his/ her language impairment. The outcome of agrammatic speech is the so-called *telegraphic speech* at a slow speech rate. One interesting feature of Adaptation Theory is to analyse agrammatic speech for its well-formedness. Every language has its own rules for well-formed ellipses, and here we investigate differences between Dutch agrammatic speakers (published in Kolk & Heeschen, 1992 and Kolk, 2006) and two Brazilian agrammatic speakers in spontaneous conversation situations.

1. TEORIA DA ADAPTAÇÃO

A Teoria da Adaptação, desenvolvida por Kolk e seus colegas, (Kolk & Van Grunsven, 1985; Kolk, Heling & Keyser, 1990; Hofstede, 1992; Kolk & Heeschen, 1992, 1996; Kolk & Hofstede, 1994; e Kolk, 2001, 2006) possibilita uma abordagem positiva do fenômeno conhecido como *agramatismo*. Tradicionalmente, o agramatismo é caracterizado como um sintoma do déficit (cf. Pinto, 1992, 1999): trata-se de uma fala não-fluente, em que palavras funcionais (preposições, pronomes, conjunções, artigos) são omitidas (cf. Grodzinsky, 1988 e Ouhalla, 1993), aparecem poucos verbos (Bastiaanse *et al.*, 2002) e há problemas com a ordem das palavras (cf. Siple, 2006). Segundo a abordagem tradicional, a fala agramática é um sintoma direto da lesão cerebral. Neste sentido, é investigado que níveis lingüísticos a lesão afetou e é discutido se o agramatismo é uma deficiência seletiva ou central. Se for seletiva, então a fonética (cf. Kean, 1979), morfologia ou sintaxe (cf. Bastiaanse, 1995) são afetadas, mas se for central, a língua como um todo está danificada em consequência da lesão cerebral. Muito se discutiu se o agramatismo é um distúrbio central ou seletivo, e, apesar das disparidades teóricas, chegou-se à conclusão de que a variação observada entre os falantes agramáticos estudados era enorme. O próprio conceito de agramatismo foi problematizado (ver Miceli *et al.*, 1989) e redefinido no âmbito da Teoria da Adaptação.

A grande diferença entre abordagens tradicionais e a Teoria da Adaptação é que nesta última a fala agramática não é vista como um sintoma da lesão cerebral ou do

¹ Doutoranda no IEL/ Unicamp. Com o apoio da Capes e do Programa Alban, programa de bolsas de alto nível da União Européia para a América Latina, bolsa n. E06D100519BR.

distúrbio lingüístico, mas sim como uma estratégia adaptativa que o falante agramático encontrou para contornar o seu problema de linguagem. O distúrbio lingüístico do agramático consiste na incapacidade de preencher os espaços sintáticos de uma oração em um tempo aceitável de fala. Produzir sentenças completas demandaria muito tempo, de modo que o interlocutor do sujeito afásico ou completaria as suas sentenças, falando por ele, ou simplesmente desistiria da conversa. Como o falante agramático precisa de mais tempo que um falante não-afásico para encontrar e articular as palavras que quer produzir e tem consciência dessa pressão temporal a que está sujeito numa situação interativa, ele planeja uma fala sintaticamente simplificada. Esta fala simplificada é chamada de *fala telegráfica*, *fala elíptica* ou ainda *fala reduzida*. Esta é uma forma de adaptar a sua fala às condições da interação, o que não significa exatamente a omissão de elementos lingüísticos (que seriam apagados de uma sentença completa), já que a fala reduzida já é planejada de forma simplificada. Segundo a Teoria da Adaptação, produzir uma fala reduzida significa abusar (*overuse*) de estruturas possíveis numa certa língua.

A outra forma de se adaptar é monitorar a própria fala. Afásicos de Broca têm consciência de sua fala e performam dois tipos de correção à própria fala: *preventiva* (as pausas indicam que estão se esforçando para encontrar a palavra mais adequada) e *adaptativa* (as interrupções e reformulações da própria fala indicam que estão se esforçando para construir uma cadeia sintática compreensível para o ouvinte). Neste sentido, o agramatismo é caracterizado por uma fala reduzida num tempo de fala maior. Se analisada enquanto elipse (e não partindo do pressuposto de que uma oração precisa ter um verbo como núcleo), a fala reduzida é considerada bem-formada.

Quando submetidos a uma situação de teste, (ver principalmente Hofstede, 1992 e Kolk & Hofstede, 1994), em que é solicitado que produzam sentenças completas e lhes é dado tempo suficiente, os sujeitos agramáticos estudados pelos pesquisadores que desenvolveram a Teoria da Adaptação são capazes de produzir os elementos lingüísticos que estão ausentes em sua fala espontânea (verbos flexionados e elementos funcionais). Neste caso de situação de teste, então, o falante agramático opta por não se adaptar às suas dificuldades. Certamente, dependendo do grau de severidade do agramatismo, o sujeito não tem muita escolha entre adaptar ou não.

Foi constatada assim a variação agramática dependendo da situação de fala. Há estudos que investigam a variação entre a escolha de um estilo de fala reduzida e sentenças completas num mesmo sujeito agramático com interlocutores diferentes (ver Heeschen & Schegloff, 1999) e um estudo (Beeke *et al.*, 2003) que mostra que um mesmo sujeito opta por registros diferentes (fala reduzida e sentenças completas) numa mesma situação de conversa informal com o mesmo interlocutor.

Como a fala reduzida é resultado de uma adaptação do sujeito, ela tem características peculiares das escolhas do sujeito agramático que a produz. Neste sentido, podemos explicar a variação entre sujeitos agramáticos falantes de uma mesma língua. Um exemplo de escolhas de recursos lingüísticos diferentes é fornecido pelos sujeitos brasileiros MS e OJ: ambos usam a estrutura de tópico-comentário para se comunicar, mas apenas OJ lhes dá uma entonação tal que se assemelham ao jogo de pergunta e resposta.

Este estudo pretende investigar a variação entre sujeitos agramáticos falantes de línguas diferentes: holandês e português. Cada língua impõe aos seus usuários restrições e regras para elipses bem-formadas.

2. AGRAMATISMO EM HOLANDÊS E PORTUGUÊS

Partindo de Kolk (2006), em que se apresenta, num resumo esquemático de estudos anteriores do mesmo autor, regras para elipses bem-formadas, e analisando a fala de dois sujeitos brasileiros com afasia de Broca (identificados como MS e OJ), gravados em situações de conversa informal com a autora deste texto no CCA (Centro de Convivência de Afásicos) localizado no IEL/ Unicamp; foi feito um estudo comparativo (Kleppa & Kolk, no prelo) entre a fala reduzida identificada em agramáticos holandeses e os brasileiros MS e OJ.

Kolk (em seus trabalhos) assume que a fala reduzida de sujeitos agramáticos é comparável às elipses identificadas em registros não-afásicos (conversas informais entre adultos não-afásicos e fala de crianças). Comparando estes três registros, ele chega às regras de boa-formação de elipse.

Por motivos de restrição de espaço, apenas os resultados mais relevantes do estudo comparativo serão apresentados aqui. Em primeiro lugar, foi constatado que os sujeitos agramáticos de ambas as línguas abusam (*overuse*) de não-finitude (*nonfiniteness*). Isto significa que na fala reduzida aparecem orações que não apresentam verbos ou que não apresentam flexões verbais nos verbos produzidos, de modo que as formas não-flexionadas dos verbos (infinitivo, gerúndio, particípio e imperativo) são empregadas. A média de orações sem marcas de finitude em sujeitos agramáticos holandeses foi de 60% de toda a fala produzida durante a conversa informal gravada e analisada, ao passo que MS produziu 40% e OJ 72% de orações sem marcas de finitude em toda a fala produzida e analisada. Estas orações sem verbos ou com verbos sem marcas flexionais formam o *corpus* de Kleppa & Kolk (no prelo).

Notamos as primeiras diferenças entre as soluções adaptativas encontradas por falantes agramáticos holandeses e brasileiros. Enquanto MS e OJ preferem não usar verbos em suas orações sem marcas de finitude, os sujeitos agramáticos holandeses preferem usar verbos no infinitivo. Se a estrutura gramatical das orações não-finitas produzidas por estes sujeitos for analisada, será possível notar que os sujeitos agramáticos holandeses preferem manter a ordem canônica do holandês, ao passo que os sujeitos agramáticos brasileiros preferem a estrutura de tópico-comentário. Esta estrutura é também possível em holandês, mas não é tão produtiva como em português (ver Pontes, 1987 e Belford, 2006).

Ao examinar as regras para a boa-formação de estruturas elípticas em holandês e português, notamos que há diferentes restrições impostas pelas respectivas línguas sobre a fala reduzida. Abaixo, as regras e diferenças são alistadas:

1. **A ausência de palavras funcionais** é permitida irrestritamente em holandês, mas com restrições em português: as preposições que estabelecem relações genitivas ou introduzem argumentos ou adjuntos de verbos precisam ser realizadas. Verbos auxiliares que ligariam um sujeito a um verbo no infinitivo (*Eu vou pedalar*) igualmente precisam ser realizados.

2. **A ausência de flexões morfológicas** é ilegal em holandês e parcialmente permitida em português, se pensarmos na marcação de plural, por exemplo. Contudo, não foram detectadas formas como *os menino* na fala de MS e OJ.

3. **Substituições de palavras funcionais** (uma preposição por um pronome, por exemplo) são ilegais tanto em holandês como em português, e não foram detectadas nos dados.

4. **O uso de verbos não-finitos** é permitido, sendo que os sujeitos agramáticos holandeses preferem infinitivos e participios e OJ prefere gerúndios. Em holandês (com estrutura S Vflex. O Vinf.) o verbo no infinitivo ocupa a posição final, e esta estrutura foi mantida na fala reduzida dos sujeitos agramáticos. O único verbo (no infinitivo) produzido não ocupou a posição do verbo flexionado. Já em português foi constatado que (imperativos e) infinitivos bloqueiam a aparição de sujeitos, de modo que *Eu pedalar* é impossível em português, ao passo que *Ik fietsen* (eu pedalar) em holandês é perfeitamente possível. Estas são evidências de que não há, na fala reduzida de sujeitos agramáticos, uma substituição do verbo flexionado por uma forma não-flexionada.

5. **A ausência do verbo flexionado** é permitida e foi observado que tanto na fala reduzida de sujeitos agramáticos holandeses como brasileiros aparecem argumentos e adjuntos sem o seu respectivo verbo.

6. **A ausência do sujeito da oração** é permitida, e foi observado que muitas orações apresentavam um verbo não-finito com opcionais argumentos ou adjuntos.

Por fim, notamos que a fala reduzida de MS e OJ não é comparável às elipses encontradas em outros registros em português (conversa informal entre adultos não-afásicos, telegramas, e manchetes de TV e jornal impresso). Os registros-controle em português são sintaticamente mais similares aos holandeses (pelo número de verbos empregados e manutenção da ordem canônica) que à fala reduzida de MS e OJ, que produziram poucos verbos e abusaram da estrutura de tópico-comentário.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos que a fala reduzida de OJ e MS não obedece às mesmas regras que aquelas que parecem organizar construções elípticas em português e que a fala reduzida de MS e OJ é diferente da de sujeitos agramáticos holandeses. Em suma, MS e OJ produzem uma fala reduzida que não tem par nem na mesma língua com informantes não-afásicos, nem em outra língua, com sujeitos agramáticos.

Percebemos que o número de sujeitos agramáticos falantes de português analisados é baixo e que os resultados obtidos a partir da análise da fala de dois sujeitos não pode servir para a generalização acerca da fala reduzida em português. Desta maneira, futuros estudos devem contemplar um número maior de sujeitos agramáticos. Os dados de registros controle em português eram diferentes dos registros holandeses, e para sanar esta disparidade, futuros estudos devem contemplar também a fala infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BASTIAANSE, R. (1995) "Broca's aphasia: a syntactic and/ or morphological disorder? A case study." *Brain and Language*, 48, 1 – 33.
- BASTIAANSE, R., RISPENS, J., RUIGENDIJK, E., RABADÁN, O. J., & THOMPSON, C. K. (2002) "Verbs: some properties and their consequences for agrammatic Broca's aphasia." *Journal of Neurolinguistics*, 15, 239 – 264.

- BEEKE, S., WILKINSON, R., & MAXIM, J. (2003) "Exploring aphasic grammar 1: a single case analysis of conversation." *Clinical Linguistics and Phonetics*, 17, 81 – 107.
- BELFORD, E. M. (2006) *Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ: Rio de Janeiro.
- GRODZINSKY, Y. (1988) "Syntactic representations in agrammatic aphasia: the case of prepositions." *Language and Speech*, 31, 115 – 134.
- HEESCHEN, C., SCHEGLOFF, E. A. (1999) "Agrammatism, adaptation theory, conversation analysis: On the role of so-called telegraphic style in talk-in-interaction." *Aphasiology*, 13, 365 – 405.
- HOFSTEDE, B. T. M. (1992) *Agrammatic speech in Broca's aphasia. Strategic choice for the elliptical register*. Doctoral dissertation, University of Nijmegen, The Netherlands.
- KEAN, M. L. (1979) "Agrammatism: a phonological deficit?" *Cognition*, 7, 69 – 83.
- KLEPPA, L. & KOLK, H. (no prelo) "Nonfinite nonsententials: comparing Dutch and Portuguese agrammatic data." *Aphasiology*.
- KOLK, H., VAN GRUNSVEN, M.J.F. (1985) "Agrammatism as a variable phenomenon." *Cognitive Neuropsychology*, 2, 347 – 384.
- KOLK, H., HELING, G., & KEYSER, A. (1990) "Agrammatism in Dutch: Two Case Studies." In: L. Menn, & L. Obler (Eds.) *Agrammatic Aphasia: A Cross-language Narrative Sourcebook* (pp. 179 – 280). Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- KOLK, H., & HEESCHEN, C. (1992) "Agrammatism, Paragrammatism and the Management of Language." *Language and Cognitive Processes*, 7/ 2, 89 – 129.
- _____. (1996) "The malleability of agrammatic symptoms: a reply to Hesketh and Bishop." *Aphasiology*, 10/ 1, 81 – 96.
- KOLK, H., & HOFSTEDE, B. (1994) "The choice for ellipsis: a case study of stylistic shifts in an agrammatic speaker." *Brain and Language*, 47/ 3, 507 – 509.
- KOLK, H. (2001) "Does agrammatic speech constitute a regression to child language? A three-way comparison between agrammatic, child and normal ellipsis." *Brain and Language*, 77/ 3, 340 – 351.
- _____. (2006) "How Language Adapts to the Brain: An Analysis of Agrammatic Aphasia." In: L. Progovac, K. Paesani, E. Casielles, E. Barton, (Eds.) *The Syntax of Nonsententials. Multidisciplinary perspective*. (pp. 29 – 258). John Benjamins Publishing Company.
- MICELI, G., SILVERI, M. C., ROMANI, C., & CARAMAZZA, A. (1989) "Variation in the pattern of omissions and substitutions of grammatical morphemes in the spontaneous speech of so-called agrammatic patients." *Brain and Language*, 36, 447 – 493.
- OUHALLA, J. (1993) "Functional categories, agrammatism and language acquisition." *Linguistische Berichte*, 143, 3 – 36.
- PINTO, R. C. N. (1992) *Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. Dissertação de mestrado, IEL / Unicamp: Campinas.
- _____. (1999) *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de doutorado, IEL/ Unicamp: Campinas.
- PONTES, E. (1987) *O tópico no Português do Brasil*. Campinas: Editora Pontes.
- SIPLE, P. (2006) "Nonsententials and agrammatism." In: L. Progovac, K. Paesani, E. Casielles, E. Barton, (Eds.) *The Syntax of Nonsententials. Multidisciplinary perspectives* (pp. 259 – 282). John Benjamins Publishing Company.